

A caminho de uma paz dinâmica!

- conferência transmissões
- Braga de filmamentos
- encontro de cristãos gravada

28 maio 80



MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO
Fundação Cuidar o Futuro

Braga

"A PAZ"

"A Caminho de uma paz dinâmica" 1

Braga - encontro de cristãos - 28 maio 80

meu velho amigo

Sr. Arcebispo, velho amigo, meus senhores e amigos também, Sr. Padre Azevedo.

O facto de o Sr. Pe. Azevedo me ter lembrado algumas das minhas lides na vida da Igreja em Portugal, bem como também a presença do Senhor D. Eurico aqui, na verdade fez-me recuar 27 anos e 27 anos para lembrar um tempo que foi - e ao começar hoje esta conversa com todos não queria deixar de sublinhar - para muitos de nós, jovens daquela época, um tempo de crescimento como cristãos e como cidadãos conscientes.

Não pudemos, ^{tive} não tivemos outro lugar para dar início a uma caminhada em ordem à justiça, à preocupação pelos outros, àquilo que então se chamava "o sentido dos outros", senão através do grande espaço de criação, de liberdade e de enorme responsabilidade que foi a Acção Católica, e em particular a Acção Católica Universitária nos anos 50, em que activamente participei.

Na presença do Sr. D. ^{Eurico} ~~Rodrigo~~, que foi grande animador dos grupos da Juventude Universitária Católica esse tempo, ~~que se me~~ assim imediatamente na memória muitas reuniões aqui e no estrangeiro. Porque todos fazíamos parte nessa altura do grande movimento internacional de estudantes católicos em que colaborávamos leigos e assistentes eclesiais com uma total dedicação e em que os assistentes tinham de aturar, de certa maneira, a ingenuidade que eu nessa altura já tinha.

Por isso, é mesmo com muito prazer e mais do que isso, talvez, especialmente tocada, e até tocada pelo registo que o Sr. Pe. Azevedo utilizou - embora ele tenha sido ^{permanente} de notas de humor que eu não sei igualar - é justamente tocada por isso tudo que eu hoje gostaria de fazer uma reflexão sobre algumas dimensões da Paz. E ponho desde já que, numa assembleia como esta, reunidos numa congregação como esta, estamos em Igreja, com a voz que nos congrega e, ao mesmo tempo, sendo nós a congregação. Neste contexto, ^{este} é do meu ponto existencial de cristã que vou falar, naturalmente porque não se separam os vários campos da exis-



tência, farei referência a muitas experiências nossas, mas tentarei situar-me no ângulo, ou mais do que ângulo, na perspectiva existencial que é aquela que tenho tentado viver desde que a Igreja me gerou "pragma" no espírito.

É certo que ao ouvir há pouco e ao participar no Canto de entrada, quase me apetecia dar uma volta às notas que tomei e agarrar em algumas destas expressões. Elas voltarão ao longo desta noite - "a luta contra a opressão", "terra de salvação", "esperança e vida", "olha a Terra Prometida", "os sulcos dos nossos passos", "rompe os caminhos do momento". Tudo isto são etapas, momentos, "flashes" no grande mosaico de tudo aquilo que pode ser a nossa caminhada na paz.

A PAZ - TAREFA E DOM

O meu objectivo desta noite é tentar reflectir sobre a paz enquanto fruto do nosso trabalho e dom de Deus e, ao fazê-lo, não o faço por mera necessidade estilística, que não vai ser muita, mas faço-o porque é essa sempre a perspectiva cristã em que me sei colocar.

Não vejo de modo algum um Deus ex-maquina com uma intervenção na História em que nós fôssemos meramente peões; tão pouco vejo a nossa intervenção na História totalmente soberana, descolida de uma outra realidade que se situasse fora dela. Pelo contrário, tenho a firme convicção de que somos todos, como já tantas vezes tem sido sublinhado, somos todos, com o nosso esforço de cada dia e ao longo da vida, aquelas tecedeiras de tapeçarias que estão do lado de trás da tapeçaria que vão fazendo, que vão metendo os fios de cada cor e só vêm o remate dos fios e uma grande confusão. Alguém do outro lado vê um desenho - pode ser de Chagal? de Matisse ou de Vieira de Silva. Não estamos ainda do outro lado para ver o desenho. Esse desenho existe e é na certeza de que ele existe que podemos continuar a tecer a nossa tapeçaria.

Como ponto de partida da nossa reflexão de hoje, eu queria retomar



um salmo que não é ~~litúrgico~~ litúrgico e peço desculpa aos sacerdotes em particular, porque é o salmo por excelência do tempo do Natal que é o salmo 84 e queria utilizá-lo exactamente neste contexto. Diz o salmista:

"Prestarei atenção àquilo que o Sr. Deus bem deseja, ele tem promessas de paz para o seu povo e seus amigos. A sua salvação está próxima daquele que o teme, ^{e a sua glória habitará na nossa terra;} amor e fidelidade se encontrarão; justiça e paz se beijarão; da terra brotará a lealdade, do céu há-de descer a justiça. O Senhor em pessoa vai oferecer os seus bens e a nossa terra produzirá os seus frutos. A justiça caminhará diante dele e a paz nas pegadas dos seus passos."

O salmo dá o contexto desta reflexão. Deus é a paz mas Deus tem para o seu povo promessas de paz e essas promessas de paz estão ~~em~~ neste duplo movimento: Deus que oferece os seus bens, a terra que produz os frutos. Da terra brota a ~~lealdade~~ lealdade, do céu brota a justiça e já nesta troca de palavras - mas como é que da terra brota lealdade e do céu brota a justiça? Afinal não é Deus que é fiel e nós que temos que construir a justiça? Já aqui começa a apontar

Fundação Cuidar o Futuro

aquilo que muitas vezes nos aparece ao longo de toda a vida cristã como uma constante contradição. Mas contradição que é afinal um apelo que Deus nos faz em cada dia a estarmos mais próximos de Deus, a participarmos mais na sua obra e ao mesmo tempo o reconhecimento ~~de~~ que cada dia nós fazemos ^{de} muito daquilo que nós queríamos realizar ^{atual} não ^{pois nem será} ~~realizar~~ nunca obra nossa mas obra de Deus. Duplo movimento, portanto, e duplo movimento em que ficam os tais sulcos, em que se aproxima a terra prometida e assim por diante.

Ora, eu vou dividir esta reflexão em três momentos: o conceito de paz no Antigo Testamento; a reflexão sobre a nossa própria aspiração de paz hoje enquanto indivíduos e enquanto comunidade, membros da humanidade, também ela Igreja no sentido amplo que muitas vezes ^{documentos do} Concílio Vaticano II deram à palavra Igreja; ~~em~~ um terceiro momento, Jesus Cristo como a paz.



I - O contexto da Paz no Antigo Testamento

Ora, quando nos debruçamos sobre o conceito de paz no Antigo Testamento, nós fazemos logo uma primeira verificação: é que a paz (e isto concerteza muitos ^{temos} ~~tem~~ reflectido sobre isso) a paz não tem nada que ^{com uma mera tranquilidade} ~~ver~~, não tem ~~nada que ver com~~ a ausência de guerra. Tem sim - e é esse ^{nada que ver ou não tem tudo que ver com} o sentido repetido ao longo de todo o Antigo Testamento - a paz tem que ver com a abundância, com a riqueza, com o repouso e com a segurança, com a glória e com a plenitude, com a salvação e com a vida.

↳ Encontramos ao longo não só dos livros históricos mas dos livros sapienciais e sem dúvida nos ^{cânticos} ~~livros~~ que são os Salmos, encontramos repetidas vezes a paz exprimindo cada uma destas etapas. Mais, toda a tradição do povo judaico era tal, que ao longo da sua história se vai desenhando ~~uma~~ comunicação entre os membros do povo em que a palavra paz tem um papel extremamente importante.

↳ A expressão que depois vamos retomar na vida de Cristo, no Novo Testamento, "vai em paz, que a paz esteja contigo" é sempre uma expressão do povo judaico. E essa paz é, em toda a literatura bíblica, significado de abundância: vai, enriquece-te, cura-te, sê feliz, tem a plenitude das coisas, salva-te, transforma-te. E seria interessante, e convido-vos a folhearem a Bíblia com essa perspectiva, ^{porque} ~~nos~~ ~~da~~ ~~mos~~ conta de que a paz tem um conteúdo extremamente ^{intenso} e terrestre ao longo do Antigo Testamento.

Quando digo terrestre quero dizer que não é fruto de uma abstracção que eventualmente a filosofia grega depois tivesse "colado" a uma tradução e interpretação da Bíblia. Não, a própria palavra paz ~~tem~~, ao longo da vida do povo escolhido, vem carregada quase de um sentido

telúrico é quase comunhão com tudo o que o homem vive.

Não é estabilidade, é a conquista de alguma coisa, a vitória sobre um estado que é um estado desfavorecido, diminuído, de não plenitude. É sempre um estado dinâmico, é sempre movimentação - ^o caminho para.



.....

É muito interessante quando alguém, no livro dos Juizes, deseja a Gedeão, que parte para a guerra (Gedeão é uma figura da Bíblia, personalidade muito interessante) que volte sem que lhe tenha acontecido nenhuma tragédia, que ele volte em paz da guerra. Coisa contraditória. Como voltar em paz de uma guerra? E é justamente no cruzamento de outros textos que podemos encontrar de novo, por exemplo em Jeremias, a paz, como significando a cura dos males, das doenças, das feridas. Encontramos até a paz, como a promessa de um triunfo sobre a esterilidade. Uma figura particularmente significativa para mim é a Ana, mãe de Samuel. Ana é uma figura dominante como mulher no Antigo Testamento e quando faz de uma forma quase desmedida as suas súplicas a Deus para que Deus lhe dê um filho, o profeta interpela-a. Claro que, como é uma mulher, evidentemente não se sabe comportar no Templo, sendo necessário que de algum modo o profeta a ponha no devido lugar. Então o Espírito de Deus responde a Ana e diz-lhe "Vai em paz. O Deus de Israel vai conceder-te o que lhe pedes".

Esse "vai em paz" não é uma mera intimidação dizendo: já não é preciso estares aqui, mas "vai e Deus concede-te aquilo que tu desejas". Trata-se da paz, a felicidade, a fecundidade, a plenitude.

A paz é também no Antigo Testamento o equivalente da justiça como dizia o salmo 84. Também o salmo 37 diz de uma forma muito clara: "Vede o homem justo. Há uma descendência para o homem de paz". "Quem é o homem justo?" e imediatamente o próprio salmista responde: "há uma descendência para o homem de paz". É também nesse salmo que estão as palavras que são depois retomadas no Novo Testamento e que são tão nossas conhecidas: "os humildes possuirão a terra e saborearão as delícias de uma paz insondável". Ora não se diz aqui que a ~~certa~~ certa altura os humildes terão os seus bens e depois, no termo, haverá um estado que é a paz. Não, os humildes possuirão a terra e saborearão as delícias de uma paz insondável. A paz é essa posse da terra, é essa possibilidade de ter e de viver segundo as necessidades da vida humana e assim de poder encontrar o caminho da salvação e o caminho da liberdade.

De tal maneira se identificam a paz e a justiça no Antigo Testamento que se pode dizer, com o apoio dos textos bíblicos, que a paz é a soma dos bens concedidos à justiça e que se podem trocar entre si. Assim a paz é possuir



uma terra fértil ; a paz é comer o necessário (estou sempre a citar a Bíblia) ; a paz é habitar em segurança ; a paz é dormir sem medo ; a paz é triunfar dos inimigos ; a paz é ver a sua descendência.

Podemos dizer, e será uma crítica que se pode fazer : mas isso corresponde a um certo número de ambições de um povo bem localizado junto do Mediterrâneo, depois de uma longa história, vindo da Mesopotâmia, de UR na Caldeia, tendo estado exilado e completamente reduzido à escravidão no Egipto, tendo depois saído do Egipto num penoso e extraordinário êxodo, tendo depois também partido de novo para o exílio e tendo chorado a cidade santa junto dos rios da Babilónia, Poderá dizer-se que isto tudo corresponde às vicissitudes desse povo, à procura por isso de tudo isto : da terra fértil, da segurança, do triunfo sobre os inimigos, etc...

É certo, não podemos negar esse aspecto meramente histórico no sentido em que o povo Hebreu é um povo que viveu e simultaneamente conviveu com os povos todos seus vizinhos daquela região, portanto, há muita semelhança nas aspirações que possuía.

Mas, e é esse um ponto muito importante de toda a revelação de Deus que a Bíblia nos faz, é que na Bíblia todas as coisas têm um sentido imediato e um sentido transacto se quisermos e, portanto, todas as coisas apontam para uma outra realidade, elas são sempre figura de alguma coisa.



Também, e isso é fundamental, neste sentido poderíamos dizer "mas então a paz resulta do trabalho do Homem, resulta até da guerra na medida em que há um triunfo sobre os inimigos; a paz resulta de tudo aquilo que o Homem conseguir em termos de relação com os outros homens."

Mas, e aí está o outro movimento, é que a paz é um dom de Deus e como o povo não era capaz de o descobrir por si próprio, como afinal estava a comungar com os outros povos nessa mesma aspiração do real e terrestre, é que toda a história do povo de Israel é pontuada pela existência de profetas que vêm dizer muita coisa ao povo, mas que vêm sobretudo dizer e proclamar que a paz é um dom de Deus.

Capítulo
~~artigo~~ 14) E Jeremias diz a certa altura (o profeta Jeremias, no artigo 14) qualquer coisa como isto: "Vede o que dizem os profetas; a espada não vos atingirá, não sofrereis fomes, dar-vos-ei paz e segurança neste lugar". De novo os profetas vêm mostrar que a paz tem essa ligação com as aspirações do Homem, mas ao mesmo tempo ela é profundamente um dom de Deus. E a esse respeito encontramos algumas frases e algumas histórias maravilhosas ao longo da Bíblia, extremamente importantes, e mais, encontramos não só essa promessa de paz como dom de Deus, como o anti-profeta sendo definido como aquele que não traz a paz.

Fundação Cuidar o Futuro

A certa altura, é do livro dos Reis, há um grande história para o povo poder conquistar uma cidade, e alguém diz "eu irei seduzi-lo" (o chefe dos inimigos), e foi-lhe respondido "de que modo?" e ele respondeu "Irei e serei o espírito mentiroso na boca dos seus profetas"; disse-lhe então o Senhor "Enganá-lo-ás e conseguirás seduzi-lo". O Senhor pôs um espírito de mentira na boca de todos os profetas aqui presentes, mas o senhor decretou a tua perda. Quer dizer, é no momento em que apareceu no seio, na vida do povo de Deus aqueles que anunciam de algum modo aquilo que nada tem que ver com a paz, que isso funciona como categoria, que se põe claramente como anti-profetas.



E é neste sentido de conquista do Homem, de plenitude, de abundância, de riqueza, que a paz pode ser vista e pode ser entendida também como dom de Deus, o único dom que pode encher todos os corações.

II - A PAZ COMO SITUAÇÃO E ANSEIO dos Homens

Ora, podemos perguntar: então que paz é essa? E julgo que num primeiro tempo, se nós olharmos à nossa volta, verificamos que a paz é uma aspiração profunda e per-

manente; e quando pensava nesta reflexão pensava também que, como estamos longe desse sentido da promessa de Deus, que em vez da saudação de paz que até era tradicional no nosso povo, dizemos com tanta frequência "Deixa-me em paz"; mas não tem nada a ver com isto. E pensamos aí, introduzimos aí imediatamente uma ruptura, um corte, uma separação. A nossa aspiração primeira é incontestavelmente a paz conosco mesmos.

A PAZ
 CONSIGO
 PRÓPRIO

E é para mim uma reflexão que não cessa, verificar por as sociedades de tradição cristã e altamente industrializadas, como esse desejo de paz foi satisfeito durante muitos anos com uma frequência do sacramento da penitência e se tornou gradualmente uma frequência do divã do psicanalista. Quer dizer, há no Homem contemporâneo uma necessidade, uma aspiração à paz consigo próprio.

Nem talvez, nem sempre o sacramento da penitência tenha esse conteúdo de paz, de restaurar, de restituir ao Homem a sua integridade plena, nem tão pouco o divã do psicanalista é garante dessa paz. Mas, o que me parece que procuramos todos e continuamos a procurar é um caminho de sabedoria, um caminho da nossa própria sabedoria.

Fundação Cuidar o Futuro

É a leitura da nossa própria história, é o voltar até às origens, é para todos nós a reconciliação com o nosso próprio passado pessoal, com a nossa própria história, é a reconciliação com aquilo que nos tornámos e nos fomos tornando. É também a sabedoria e a reconciliação com o futuro que muitas vezes nos inquieta e nos perturba. E a paz conosco, a paz conosco próprios é sem dúvida o elemento fundamental que nos diz alguma coisa do interlocutor que temos diante de nós, aquele que está bem naquilo que é, é um homem ou uma mulher que está profundamente em paz consigo. Não quer dizer que nem que esteja sempre satisfeito de si, nem que as coisas lhe corram sempre bem, mas é aquele que de alguma maneira assumiu o passado difícil ou doloroso, ou complexo ou errado, que vive o presente com todas as suas interrogações e indeterminações, e também com as permanentes dificuldades e contradições e que olha para o futuro agarrando-o na sua própria vida.

Mas essa paz conosco, a paz de cada um consigo próprio, está constatemente a ser minada pela insegurança, que ~~é no contrário da paz~~



9

é o contrário da paz neste sentido bíblico que há pouco re-
feria, pela insegurança material. Tão pouco são o que estão
em paz e não o podem estar porque não têm materialmente
nenhuma segurança. Ontem,, aqui nesta sala, recapitulei um
pouco do panorama mundial e como sei que estão algumas que
estiveram ontem, não vou repetir, mas, se é certo que em cada 3
3 homens um termina o seu dia não tendo o seu dia atingido
o limite mínimo de subsistência na sua alimentação, que
paz é essa se não há sequer essa segurança?

É também insegurança psicológica. Insegurança que é
muito curiosa e que tenho reflectido nestas 24 horas que
estou instalada no Museu Nogueira da Silva. E tenho reflec-
tido que deve ser a insegurança de qualquer pessoa que en-
tra naquele Museu; foi a minha insegurança ontem, ao olhar
para cada coisa sem saber se era falsa ou se era verdadeira

portanto, uma insegurança psicológica muito elementar, sem
saber onde está o critério e como aplicar o critério e que
afinal caracteriza profundamente a nossa época,

Enquanto se diz que estamos em crise, em crise de
valores, etc, Não é que os valores de repente tenham desa-
parecido, não é que de repente as pessoas tenham ficado mais
materialistas e menos conduzidas pelos valores, é que é
muito mais difícil justamente encontrar os critérios e sa-
ber onde e quando e como aplicar esses critérios; daí que
a paz connosco esteja sempre, constatemente, a ser minada
por essa insegurança. Mas está sempre também a ser minada
por uma outra dificuldade fundamental - e por isso o que
cantámos há bocado tinha muito sentido - que é o medo, a
paz e esse medo do que experimentamos, um medo meramente
físico, instintivo, que já tínhamos em crianças - o medo
do escuro, o medo de alguém. Esse medo permanece sempre
na tentativa de paz connosco mesmos. O medo que leva muita
gente a não responder às perguntas que lhe são feitas, que
leva outros a silêncios em momentos em que a palavra devia
ser dita, Um medo que é, ao fim e ao cabo, dificuldade para
muitos - a impossibilidade de assumir o passado e de fazer
frente ao presente tal como ele é.

A PAZ COM OS OUTROS

Ao desenvolver estas etapas, eu estou necessaria-
mente a falar da nossa vida humana - eu com os outros ^{no mundo.} Estou
-me sempre a situar nessa perspectiva - e a paz connosco
mesmos vem sobrepôr-se imediatamente, acrescentar-se, a paz
com os outros.



com os outros. E preocupa-me cada vez mais, ao encontrar em cada celebração eucarística, um sacerdote convidando-nos a darmos a paz uns aos outros; preocupa-me cada vez mais quantas vezes o vazio desse gesto.

Propoño-me sempre a grande interrogação: será que estamos todos em cada momento, em cada celebração, a desejar essa paz? A desejar a paz, aquilo que está na sequência do novo Israel, como dizia a nossa amiga que falou primeiro, o novo Israel que somos nós hoje, que é a igreja e que, portanto, ao desejar a paz, a paz de Cristo esteja contigo, estamos a desejar a abundância, a riqueza, a felicidade, o bem-estar, tudo isso; tem esse conteúdo a paz que nós desejamos mutuamente quando estamos dentro de uma igreja?

E essa paz com os outros é afinal constantemente também um aspecto do ^{tecido} psico da nossa existência. Eu julgo que não é possível alguém dizer a paz e dar a paz a outro quando está traindo a verdade, quando deixou parte da sua vida à porta da igreja, quando tem alguma coisa de certa maneira guardada e que não disse e que não transmite e que não interroga. Aliás, aí a Bíblia e Jesus Cristo são perfeitamente claros: "Se pensas que o teu irmão tem alguma coisa contra ti e não é que tu tenhas alguma coisa contra teu irmão e vais oferecer a tua oferta ao altar, deixa a oferta ao pé do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão". Nem sequer é o que nós temos contra os outros; é perguntar aos outros o que têm contra nós (se fosse assim eu já não ia à missa...).

Fundação Cuidar o Futuro

Mas podemos perguntar de outra maneira. Podemos perguntar, e a pergunta tem sempre uma resposta, uma resposta que nos vem de forma directa ou indirecta e é nessa reconciliação ao fim e ao cabo com as motivações dos outros, com aqueles que eventualmente são de uma forma objectiva nossos inimigos, mas tentando reconciliarmo-nos com as suas próprias motivações, com os traumatismos, as carências, as dificuldades, até o bem-estar que os pode ter conduzido a serem nossos inimigos; é reconciliando-nos com eles a esse nível que estamos de facto a construir a paz. É certo que a paz com outros está sempre a ser minada pela dominação de uns sobre outros, pela acentuação daquilo que divide, pela divisão dos outros em categorias, em séries, pela tentativa de erigir um sistema ~~engajador~~ da paz, como se a paz em julgador



estivesse só de um lado das questões e não do outro. E arinal
 valerá a pena perguntarme-nos o que quer dizer "desejar a paz"
 quando um dos mandamentos é exactamente "Não causar dano no
 corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo". Como desejar a
 paz e ao mesmo tempo causar dano no corpo ou na alma,
 como? Como é isso possível?

Este desejo de reconciliação com os outros não é nunca
 uma tendência assintética; é sempre um fazer e um desfazer,
 estar sempre a ser minada e a ser contrariada por essa de-
 minação e por aquilo que nos divide e que levanta muros em
 vez dos pontes de que o senhor Padre Azevedo falava há pouco.

A PAZ COM A NATUREZA

Mas não é a paz com os outros independente da paz com
 o mundo meio que nos cerca. E é para mim quase tão importante
 a paz com a própria Natureza e com aquilo que nós estamos
 criando, que os homens vão criando.

É certo que o povo judeu podia falar da paz em termos
 de abundância ou substituir até um termo por outro, falar da
 paz em termos de justiça e ter esse sentido telúrico da ri-
 queza e da segurança. Mas para nós, mesmo quando vivemos nu-
 ma cidade bonita e com uma vegetação maravilhosa como é aqui
 à volta de Braga, desde quando, até quando é que a Natureza
 é realmente fonte de contemplação, até quando é que ela é
 uma reconciliação com a Mãe Terra? Até que ponto é que ela
 é uma perfeita unidade com o Universo criado com uma energia
 cósmica que nos transcende a todos? E é por isso que muitas
 vezes nós verificamos, per-que não nos damos a essa con-
 templação, per-que não respeitamos as coisas e a Natureza
 que, incapazes muitas vezes de atacar directamente os outros,
atacamos violentamente as coisas. E atacamos a Natureza,
 violentamos de algum modo a Natureza, e pedimos dizer que
 não há sobrevivência possível sem essa paz com a Natureza.

Hoje em dia falamos imenso da quilo que é o patri-
 mónio comum da Humanidade e na própria organização, enfim
 que a cujo corpo dirigente pertence, que é a Unesco; nós
 temos vindo há uma série de anos, é uma força de expressão
 há 4 anos começamos a fazer um inventário daquilo que se
 pode chamar o Património Comum da Humanidade em termos
 culturais e em termos naturais e convidamos todos os estados membros a darem-nos
 a indicação de que consideram, dentro do seu território,
 aquilo que pode ser, deve ser, património da humanidade e



que, embora pertencendo legitimamente à soberania desse estado, deve ser protegido pela comunidade das nações. Encontramos coisas espantosas, encontramos afinal a referência a lugares que desconhecemos e até temos o problema de não falarmos muito deles para não provocarmos um fluxo de turismo que ia estragar concerteza o dito patrimônio; e encontramos da parte de todos os estados (tem sido interessantíssimo), uma cooperação que transcende completamente toda e qualquer divergência no plano político e certas zonas até, no mundo, que eram zonas de certa maneira pacificadas por razões de defesa, aparecem, são zonas limítrofes agora de tudo e outras que se tornaram patrimônio comum da Humanidade. E isso tem-me feito reflectir muito na medida em que me parece que diz qualquer coisa da sociedade de hoje; diz que para além das divisões há uma comunhão de Homem com a Natureza como se todos nós ^{nes} fôssemos encontrar nessa cresta terrestre, sabendo que constituímos, usando as palavras de Theillard de Chardin, constituímos nós uma noosfera que envolve todo o planeta e que essa noosfera afinal participa também e está ela a *velar* pela existência da biosfera e da cresta terrestre e mergulhamos todos na mesma ^{magna} *mar* ^{magna} *mar* ^{esse} fundamental e é desse *mar* ^{esse} fundamental que somos responsáveis e dele tiramos as nossas riquezas.

Fundação Cuidar o Futuro

É certo, e isso verificamos muitas vezes, que a Natureza tem também a sua vingança; de mesmo modo que os inimigos se vingam uns nos outros, ao que parece também a Natureza tem as suas vinganças, vinganças que nos mostram à sua escala como a vingança é sempre irracional, não no sentido que o Padre Azevedo usava há pouco, mas como ela não escolhe o seu alvo, essa vingança é sempre aquilo que chamamos as catástrofes naturais; e quando se tem de planear um programa, como é o nesse caso, é o caso da Unesco, por exemplo, se tem de planear um programa já com um orçamento prevendo as catástrofes naturais, prevenindo que vão acontecer estatisticamente dentro de dois ou três anos, haverá concerteza um ou dois tremores de terra, etc. a gente não deixa de pensar que afinal a nossa solidariedade planetária é não só voluntarista, determinada pelo grau de solidariedade que nós somos capazes de experimentar, mas ela está também escrita nessa comunhão com a Natureza ~~se~~ comunhão finalmente de paz, paz com Deus.



Paz com Deus que é para muitos de nós muitas vezes quase só uma certa saudade de paz inicial, uma certa saudade de paraíso perdido; é para outros aquilo que chamam uma certa inquietação metafísica. Mas é para muitos também a participação num designio de paz para os homens. Aqui também esse desejo de paz, essa comunhão de paz com Deus não é estática, é profundamente dinâmica e se Deus age na História então a paz com Deus não é uma paz intimista, recolhida dentro da nossa consciência unicamente; ela é a participação num designio de paz para o Mundo. ^É ~~é~~ ^{isso}, evidentemente, tem que ver também com as contradições em que constantemente nos movimentamos; muitas vezes mesmo a utilização de nome de Deus para semear a guerra, a nossa própria ruptura com Deus e, quantas vezes, a negação de se grede ao altar de Deus para o pôr ao serviço dos senhores deste mundo e muitas vezes negando a própria verdade e minando a própria paz.

III AMEAÇAS E TAREFAS DA PAZ HOJE

Ura, se isto são aspirações e ao mesmo tempo contradições, importa ver ao nível do individual e colectivo, no nosso tempo, que grau assumem e que importância tomam.

1. As ameaças do nosso tempo à paz

Julgo que encontramos logo num primeiro momento, a nível do colectivo, a solidão e a angústia como traços dominantes dessa procura de paz connosco próprias e solidão e angústia que geram, por um lado, as asilos psiquiátricas mas geram por outro a desorientação das massas; ^{ção} É quando dizemos, quando digo, desorientação das massas, não me estou a referir a decisões transcendentais de ordem política; estou-me a referir a uma certa cegueira das próprias massas e cegueira que acaba por aparecer pontualmente nos actos selvagens, no terrorismo, nos movimentos de minotismo, etc.

Encontramos também, num segundo ponto, essa paz com outros minada e comprometida, porque ao nível individual há uma total interiorização da competição. Somos sempre rivais mesmo que inconscientes. Portanto, a abundância, desejamo-la sempre para nós antes de a desejarmos para outros e se a abundância, a riqueza a distribuir é pouca, quer ela seja material ou espiritual, há sempre esse movimento de competição e verificamos a dominação de classe umas sobre as outras, de sexos um sobre o outro, de raças umas sobre as outras, de povos uns sobre os outros.



Encontramos ameaças, no nosso tempo, à paz, ^oessa co-
 munhão com a natureza. Apenas refiro uma que me parece sim-
 bólica e que é o perigo nuclear. Perigo nuclear que não é
 apenas um perigo enunciado por meia dúzia de românticos,
 mas que é um perigo, é um perigo real a nível de sobrevi-
 vência de planeta. Se neste momento se despeletassem as
 bombas já fabricadas - as bombas nucleares, como sabem -
 o planeta desapareceria, não é? São suficientes. Fabrica-se
 praticamente uma bomba atômica por dia. Portanto, não esta-
 ríamos já aqui. E esse perigo nuclear, através da utilização
 da chamada "utilização pacífica da energia nuclear" tem
 muito que ver não só com a estabilidade da própria natu-
 reza e a nossa comunhão com a natureza mas também tem muito
 que ver com a maneira como vivemos em sociedade. E não me
 canso de afirmar, como outros neste momento, que a energia
 nuclear significa essa escolha quando for imperativa,
 quando é imperativa; significa também a escolha de um cer-
 te tipo de sociedade de controle policial secreto, etc. §
 E, finalmente, a ameaça de que no mundo em que vivemos há
 cada vez mais a perda do horizonte último para a paz.

2. A TAREFA DA PAZ HOJE

Então qual é, neste contexto, a tarefa de constru-
 ção da paz hoje?

- A jugulação do medo

E julgo que, recapitulando o que acabo de dizer, a
 primeira tarefa é justamente a jugulação do medo. Descobrir
para nós outras plataformas de felicidade, de reali-
 zação, de plenitude. É estarmos bem cientes que a crise
 que o mundo vive hoje não é, como muita gente quer fazer
 crer, uma crise meramente conjuntural que vai ser resolvida
 pela receita de A ou pela receita de B, não! É uma crise
profundamente estrutural. Como tal tem de ser encarada.
 Mas em vez de elharmos para isso com medo, não, vamos
 dizer "esta crise estrutural é uma possibilidade enorme,
 é um desafio espantoso posto à nossa imaginação". Vamos ver
 se nós, homens e mulheres deste fim de século somos capazes
 de começar uma civilização inteiramente nova." Porque é
 disso que se trata. É de começar uma nova civilização.

Vamos ver se somos capazes, não de terminarmos com
 terminou o Império Romano, deslizando para uma degradação
 total porque justamente a sua civilização estava a chegar
 ao fim, mas se, conscientes nós e bem convictos de que
 estamos no fim de uma civilização, podemos, com os mate-

Fundação Cuidar o Futuro



riais que essa civilização nos deixou, construir a nova civilização e para isso, permitir que todos os homens passem fazer face aos seus próprios medos e fantasmas, e que logo nos põe uma grande interrogação: é que esse controle de medo, esse domínio de medo, supõe um sistema educativo totalmente novo. Supõe que se mude totalmente a própria perspectiva de educação e põe-se então, nesse caso, muitas interrogações.

O que significa a escola no contexto da educação? Será a escola a ponte fundamental? É a escola o lugar onde a educação realmente se faz, no sentido pleno da palavra? Ou a escola é o lugar onde se faz uma aprendizagem de como se aprende, de como se interroga e de como se critica e se analisa e depois, de como se constrói positivamente?

Haveria muito a dizer a este respeito, mas tem particular significade na medida em que, ao começarmos esta nova civilização que sefa'a de século XXI, teremos à nossa mão instrumentos, computadores que nos ~~darão~~ darão toda a informação que hoje uns milhares de professores à volta do globo se preocupam em transmitir, Os computadores estão lá para nos dar a informação,

Fundação Cuidar o Futuro

A Educação tem que nos dar outra coisa. Tem que nos dar a capacidade de pensar, de escutar, de compreender. ~~§~~ ~~A~~ Aqui eu tenho uma imensa questão para nós, cris-tãos: - Em vez de estarmos muitas vezes a tentar fazer ressuscitar instituições em que a igreja foi pioneira noutros momentos, noutros séculos e na civilização que está terminando, não somos nós capazes, enquanto cristãos, enquanto igreja, de introduzir, por exemplo no sistema educativo, ^{uma} dimensões completamente novas? Não um baptismo exterior da educação, não qualquer coisa a que se acrescenta um adjectivo "cristã", mas uma forma inteiramente nova de conceber a educação. Não terá a Igreja da Idade Média feito isso com as próprias Universidades? Não introduziu uma outra maneira de construir o saber e de transmitir o saber? Então hoje não haverá um outro processo para tornar o conhecimento acessível a todos e todos ao mesmo tempo capazes de analisar e de construir essa sociedade nova? Ai está uma tarefa para os cristãos.

E tornar possível, seguramente e apenas, uma coordenada desse processo educativo que será a liberta-



ção individual e colectiva que é necessário realizar. Libertação para um maior conhecimento de cada um, para uma maior capacidade de intervenção na História e isto porque o estatuto dos filhos de Deus, o estatuto dos cristãos é a Liberdade. Claramente S. Paulo não se cansou de o dizer, mas também no nesse tempo no concílio Vaticano II ficou bem expresse na constituição dogmática Lumen gentium "O estatuto dos cristãos é o estatuto da Liberdade".

E tem alguma coisa que ver essa liberdade com o controle e o domínio do medo, porque quem é livre de facto não tem medo. Quem é livre não vê fantasmas escondidos aqui e além, quem é livre está para além ou aquém do medo que outros vão criando.

• Relações justas entre as pessoas e entre os povos

Parece-me que haverá também nesta tarefa de paz hoje que criar relações justas entre as pessoas e entre os povos. Isto significa encetar um novo processo de relações entre as pessoas, utilizar técnicas que permitam não só o encontro, de ^{diálogo} ~~algo~~, como o consenso. Aqui gostava de denunciar de alguma forma um certo, aquilo que o professor já desaparecido Calvet de Magalhães chamava o cabotinismo dos meios audiovisuais. Gostava de denunciar uma certa tentativa de encontro, de comunicação e de diálogo que muitas vezes usa a técnica sem conteúdo, que muitas vezes usa uma técnica sofisticada para qualquer coisa que teria muito mais significado, seria muito mais pertador de significado através de outras técnicas porque, e aí como o meu amigo Marev Ruben, inteiramente de acordo o meio é a mensagem. O meio é a mensagem, mas isso significa que numa aldeia, ir a correr com um diaperama e com um gerador para mostrar as coisas de diaperama numa aldeia onde não há electricidade não tem sentido nenhum.

Fundação Cuidar o Futuro



..... se se aprovar qualquer coisa por consenso, em que já se sabe quais são os pontos de dificuldade; imediatamente vários países com a mão levantada a pedir a palavra para uma explicação de voto. De voto que não houve. E então, depois de se ter aprovado uma coisa por consenso, começa a incetivar os

países a dizer: "eu, se tivesse votado teria votado contra porque...". Mas como não houve voto e foi por consenso, e que é a própria negação do consenso, e que é a própria negação desse processo penoso de ~~se estar~~ ^{chegar} através de muito tempo ao consenso.

Refiro-me pois a relações entre as pessoas. Essa paz entre nós passa por aqui e não podemos julgar que as relações entre as pessoas estão confinadas, ou à espera exclusivamente interpessoal ou à espera de macro-sociedade. Passam por estes processos todos nas várias assembleias em que nos movimentamos. E nessas relações justas, mais justas entre as pessoas e entre os povos, transformar a sociedade para que a desordem da miséria em que vivemos em que vive o planeta inteiro, se torne a ordem da, se não do bem-estar, pelo menos do mínimo de subsistência para os tais 300 milhões de desempregados que hoje existem, 800 milhões de analfabetos e por aí adiante.

Compreender ainda a relação que há entre cada homem e todos os homens e por isso entre os direitos ^{dos homens e os direitos} dos povos; estudar as causas da violência e analisá-las. Porquê? Porque é que a paz entre os homens está sempre a ser comprometida? Porquê a violência verbal? Porquê a violência física? Porquê os surtos de violência?

Fundação Cuidar o Futuro

E perguntarmo-nos ~~porque~~ até que ponto é que a violência verbal é geradora, por um mecanismo cibernético, completamente plausível e explicável, da violência física; e por isso todo aquele que verbalmente atenta contra o seu próximo está potencialmente a gerar violência física na sociedade e portanto, a comprometer radicalmente a paz. É contribuir - há aqui imensa coisa a dizer - para a reconversão das indústrias de armamento em indústrias para fins pacíficos.



Desmistificar também as acções políticas e vê-las na sua génese e desmistificar das acções decisões políticas ^{parece-me} põe-se neste momento em termos de justiça das relações entre os homens, um aspecto importantíssimo, e iria buscar ^{do} ~~uns~~ exemplos. Por um lado, assistimos este ano e estamos a assistir ao que se pode chamar de uma ocupação dum país (é o caso de Afeganistão) por outro país que é a União Soviética. E simultaneamente a União Soviética e os países que

lhes estão mais directamente ligadas permanentemente em todas as plataformas internacionais introduzem uma resolução ou um parágrafo, um preâmbulo, que tem que ver com a necessidade de desarmamento, de cooperação, da paz, da não-agressão, da não violência, etc. . É claro que se nas plataformas internacionais é isso que é preciso dizer, está a União Soviética e os outros países a dizê-lo e mesmo quando somos originários de países pequenos não deixamos de o dizer.

Mas, por outro lado, outro exemplo que é talvez menos conhecido mas que não deixa de ter o seu interesse é ^o que diz respeito às negociações, chamadas "Negociações da Paz de Camp David".

A certa altura, numa entrevista dada ^{à revista "Business Week"} pelo Ministro da Agricultura (nos E.U.A. chama-se Secretário de Estado) sobre os acordos de Camp David, ~~este ministro conta, na entrevista dada à revista "Business Week", conta assim~~ ^{ele} ~~a dita revista :~~ o Ministro deu dois exemplos para mostrar a maneira como a necessidade de alimento fala : os Russos poderiam ter impedido o acordo entre o Egipto e Israel, no tempo em que Kissinger ainda andava constantemente ~~em~~ bilhete de ida e volta, entre cá e lá a tentar conciliar, marcar datas, etc. Mas os Russos não fizeram isso - pensa o Ministro da Agricultura dos E.U. - porque tinham necessidade dos milhões de toneladas de cereais americanas e sabiam por isso que não era o momento de torpedear essa tentativa de paz. Quando o jornalista perguntou ao Ministro da Agricultura americano, se existia ^o ~~um~~ laço entre esse acordo do Médio Oriente e a venda de cereais aos russos pelos americanos, foi-lhe respondido numa única palavra : "Inegavelmente".

Depois ainda, continua o jornalista, o Ministro da Agricultura pensa



que a melhoria de relações entre a América e o Egipto é em grande parte devida aos alimentos. Quando o Ministro da Agricultura visitou o Egipto, um ano antes dos acordos de Camp David, levava, como então ele dizia de forma figurada, um pouco de trigo na algibeira. De facto, levava 200 mil toneladas de trigo no valor de 37 milhões de dólares. Segundo ele, o Presidente Sadat explicou-lhe que se ele pudesse melhorar a infraestrutura do Egipto isso aumentaria a estabilidade política e, de certa maneira, afastaria a ideia da guerra com Israel. Imediatamente o Ministro americano assinou um tratado autorizando Sadat a vender o trigo no Egipto e a utilizar o dinheiro dessas vendas para a construção de estradas e outras infraestruturas. Conclui o Ministro com satisfação: "é isto o poder agrícola, o seu instrumento é a alimentação".

Ora bem, estes dois exemplos da União Soviética com o Afeganistão e dos Estados Unidos com os acordos de Camp David, mostram justamente que há desmistificação em certas acções ou iniciativas chamadas para a paz.

Cabe-nos aqui, e cabe-nos a nós enquanto cristãos, e por isso tem um profundo significado uma acção clara e uma tomada de posição neste domínio e foi para mim extremamente importante ter tido o privilégio de ouvir o Papa nas Nações Unidas referindo-se de forma clara (e já toquei neste ponto) ao conflito no Médio Oriente.

Mas não basta que o Papa se refira aos vários conflitos existentes no mundo e às injustiças entre os povos ; é necessário que nós todos, cristãos, em todos os lugares tenhamos sobre isso uma ideia clara.



. A criação de um eco-sistema pacífico

Também me parece que a tarefa - e seguindo o esquema de há pouco - é a criação daquilo que poderíamos dizer um ecossistema pacífico e isso significa uma acção conjunta para uma nova etapa da vida humana, Isto é, vencer aquilo a que constumo chamar a ideologia dominante, o industrialismo, a ideologia que tudo submete ao crescimento económico, ^{que} considera os recursos naturais inesgotáveis e que ^{quer} tornar, no termo, o homem, subordinado às coisas que possui.

E a pergunta que fica é : que abundância deixamos às novas gerações, que paz lhes podemos desejar ?

É ainda em termos de eco-sistema - não é só eco-sistema aquilo que é produzido pela natureza, é também eco-sistema aquilo que é produzido pelos meios que os homens criam - eu diria, faz parte da nossa tarefa a libertação conjunta em relação ao domínio dos meios de comunicação social que condicionam o pensamento, que invadem a vida privada e que nos subordinam obrigatoriamente a interesses e a gostos alheios.

. A comunhão com Deus

A comunhão com Deus que eu referia há pouco e que se encontra constantemente minada não é um pouco de perspectiva cristã que agora iria inserir como tarefa. É para mim extremamente importante verificar que todos aqueles que hoje no mundo pensam em questões de desenvolvimento, de transformação social, de mudança de sociedade, de paz, afirmam e tentam viver o significado único da dimensão transcendente de todos esses processos.



Referi há dias e não queria deixar de referir uma experiência que para mim foi extremamente interessante, uma iniciativa que existe nos E.U.A., em Nova York. É da iniciativa dum ex-professor do Instituto de tecnologia de Massachusset, em que estão reunidos numa pequena aldeia cerca de 40 pessoas, todos investigadores ~~de diferentes disciplinas~~, a maior parte ex-professores universitários, de diferentes disciplinas e diferentes credos e a sua reflexão fundamental é a evolução da sociedade. Têm publicados vários livros, ~~em~~^e trabalhos em numerosas revistas de sociologia, etc. . Mas um ponto é obrigatório na sua vida quotidiana : todos os dias, todo o grupo tem uma hora de meditação em conjunto. Mais nada, sem palavras. Dizia-me o iniciador desta aldeia que se chama "aldeia planetária" : "é impossível pensarmos na transformação do mundo sem que a nossa acção seja atravessada pela dimensão transcendente e nisso nós acreditamos todos e pensamos que é essa dimensão transcendente a única que pode, na verdade, transformar as relações entre os homens e as relações com o meio ambiente".

~~.....~~

E não é por acaso. O meu grande amigo Garaudy ~~.....~~ dizia ainda há bem pouco tempo - ouvi-o a dizer isso em Paris e tem repetido isso com muita frequência, como que ^o sua convicção fundamental - só poderemos ter um projecto de sociedade diferente, só poderemos transformar esta sociedade numa sociedade mais fraterna e mais justa se formos capazes dum grande movimento do espírito. A presença do Espírito hoje é a totalidade, a plenitude da presença de Deus entre nós. Jesus Cristo virá uma segunda vez à história dos homens, na meta história. Veremos nos fins dos tempos Deus face a face mas entretanto, o Seu Espírito que encheu a terra inteira, não o conheceremos nunca melhor do que o conhecemos agora. Ele é-nos



revelado pelo Filho, é Ele que dentro de nós nos ensina a dizer "Pai". E ao ensinar-nos a dizer "Pai" ensina-nos também a transformar a realidade em que vivemos. Por isso falar, nesta semana do Pentecostes, de paz e de comunhão com Deus, não pode deixar de ser senão nesta perspectiva do Espírito.

IV - A PAZ EM JESUS CRISTO

Ora estas tarefas todas encontram-se recapituladas em Jesus Cristo e podemos ficar aqui mais outra hora a falar do que é a paz em Jesus Cristo e Jesus Cristo como anúncio da paz.

Há uma expressão muito forte na epístola de Tiago que me parece ser a síntese de todo o Novo Testamento. Diz Tiago : o fruto da justiça é semente em paz por aqueles que praticam a paz. E não é um trocadilho. "O fruto da justiça é semeado em paz por aqueles que praticam a paz".

Jesus Cristo termina cada gesto de encontro com os outros, cada cura, cada bondade, cada reconciliação com "vai em paz". "Vai em Paz" não é apenas uma forma de dizer "até logo", "adeus", não é só isso, como era da tradição judaica. É sim essa afirmação de que vais curado, vais mais rico, mais salvo, vais perdoado.

Cristo ergue-se contra toda a segurança enganadora e não é contradição de modo algum que ele diga que não vem trazer a paz mas a espada. Justamente situa-se na tal linha de condenação dos anti-profetas. Por isso mesmo Ele aparece como reconciliando tudo nEle próprio como São Paulo diz em todas as epístolas e em particular na epístola aos Colossenses.

Paz que é afinal o próprio dom da presença de Cristo que diz : "Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz". E aqui há uma promessa, há ~~há~~ uma



realidade da promessa de Deus, da plenitude da paz que é sem dúvida, como dizemos em cada celebração eucarística, uma paz diferente da paz que o mundo conhece. Paz que é fruto do Espírito, paz que é afinal a vida e o desejo do Espírito, paz, e ainda das epístolas de Paulo, que ultrapassa toda a sabedoria e toda a inteligência.

Não admira por isso que nos últimos anos nós tenhamos não só as nossas celebrações litúrgicas - e a celebração eucarística tem um momento de paz que deve ser o momento fortíssimo da celebração e não um momento meramente convencional - mas também tem cada ano sido pontuado por uma declaração relativa à paz do Papa, para todos os cristãos e para todos os homens de boa vontade, desde João XXIII. Vale a pena nós refletirmos em cada ano sobre o que o Papa diz relativamente à paz. Talvez em vez de aferirmos muitas vezes as nossas afirmações e as nossas aspirações enquanto comunidade cristã por uma ou outra tendência que encontramos em autores que podemos preferir, talvez as possamos aferir com o representante de Cristo na terra. É esse movimento ascensional que vem desde o povo judaico e que em nós pelo Espírito tem hoje uma nova possibilidade de realização, que nós podemos dizer para nós mesmos, dizermo-nos mutuamente, aquela magnífica bem-aventurança: bem-aventurados os homens que fazem a paz.

Não são pacíficos, os calmos, os quietos etc., são os fazedores da paz, aqueles que fazem a paz, que constroem a paz porque são chamados filhos de Deus. É essa a grande bem-aventurança que de alguma maneira resume a nossa aspiração mútua.

Parece-me que faz muito sentido rezarmos - e rezamos com certeza com frequência - o salmo 121, aquele que diz que para Jerusalém sobem as



tribos, as tribos do Senhor e Jerusalém é uma cidade sólida e compacta a quem se deseja que haja abundância nas suas torres e paz nas suas muralhas e se termina o salmo dizendo : " aquilo que desejo aos meus amigos é a paz ~~do Senhor~~, é a paz do Senhor que desejo aos meus amigos. O que quer dizer : desejo a abundância, desejo a segurança, uma plenitude nova ainda a construir, desejo uma transformação a realizar por nós próprios.

E por isso quereria terminar ~~estas~~ reflexões dizendo umas palavras desse salmo 121 : paz aos meus amigos que são todos os que aqui estão e que são os tais centenas de milhões do mundo inteiro. A paz.

Fundação Cuidar o Futuro

